

## 7

### Considerações finais

No decorrer deste estudo, diferentes contribuições foram abordadas, centradas no quadro referencial sistêmico, de modo a revelar a complexidade do estudo do campo da Psicoterapia de Casal. Tal complexidade apresenta-se na articulação de estudos psicossociais, interacionais e centrados, na produção da autonomia e do significado emergentes da produção de subjetividades e do si-mesmo, na conjugalidade.

Dificuldades teóricas, técnicas, metodológicas e epistemológicas irrompem quando são abordados conceitos aparentemente contraditórios, com diferentes lógicas: a lógica dialógica, produtora de sentido, como abordado no construtivismo psicológico; e a lógica da autonomia da complexidade, como no estudo dos preditores e marcadores, indicativos de padrões de estabilidade e ruptura.

Todavia, tal disjunção torna-se apenas aparente quando consideramos o quadro de produção marcado pela visão sistêmica. E, além disso, se operarmos dentro de uma lógica da metodologia da complexidade essa disjunção pode ser reveladora de uma complementaridade. É importante ressaltar que ambas as lógicas esbarram nos limites de produção do que é abordado pela outra.

Já o estudo da produção da subjetividade revela mudanças na relação entre a produção dinâmica do si-mesmo e da emergência de novas formas de subjetivação. Tais mudanças traduzem novos arranjos e formas de relacionamento, incluindo novas formas de subjetividade. Estas se mostram mais fluidas, com características que contribuem para a construção de formas sociais, entre elas a relação conjugal. No entanto, continua importante, na dimensão do humano, a experiência afetiva marcada pelo emocionar do amor. Assim, embora novas formas de sujeição e de produção de subjetividade surjam, elas continuam a produzir formas de conjugalidade.

Essas novas formas de relação conjugal são marcadas pela emergência de novas dinâmicas, fortemente ancoradas nas formas do emocionar, pois as forças sociais econômicas e políticas, que emprestavam legitimidade a uma forma de

conjugalidade patriarcal, falocêntrica, arranjada em uma relação de poder, transformaram-se, convidando a dispersão do viver a dois, como revelado nos índices de divórcio.

Somos marcados agora por uma pressão social que, se por um lado nos libertou de relações obrigatórias, por outro lado, cria a demanda por ancoragem em outro padrão de vinculação: o emocionar. Essa mudança tem levado, gradualmente, à emergência de demandas por satisfação e estabilidade conjugal, quer como parte do imaginário cultural, quer como demanda por satisfação de uma necessidade muito humana de se emocionar, co-construindo relações significativas com um outro.

As diversas tentativas de resposta psicoterapêutica têm levado a uma diversidade de métodos de terapia com viéses distintos. Porém, a partir dos resultados obtidos em pesquisas sobre eficácia psicoterapêutica, as quais iniciaram na década de 1970 um diálogo para o estabelecimento de padrões intersubjetivos na comunidade psicoterapêutica para avaliação de resultados, encontram-se resultados similares.

Este intrigante resultado que, por um lado, tem demonstrado a eficácia de padrões comuns aos vários modelos e, por outro, tem rejeitado a especificidade de métodos de intervenção, aponta para fatores auto-organizadores presentes no encontro terapêutico. Assim, a eficácia da Psicoterapia de Casal pode ser compreendida como uma propriedade emergente da conjugalidade, como fenômeno psicossocial, que se revela nas propriedades tanto de estabilidade como de mudança. Como tais, diversas instâncias encontram-se presentes na experiência conjugal e se revelam nas diversas linhas de pesquisa envolvendo diferentes recortes. Embora seja possível indicar aspectos significativos, a complexidade da conjugalidade a tonra irreduzível a qualquer um desses aspectos, tomados isoladamente.

A abordagem sistêmica tem oferecido importantes *insights* e um quadro referencial que tem colocado em relevo esta complexidade. É importante lembrar que esta não desenvolve uma visão monolítica, mas explora diferentes aspectos de se pensar sistemicamente. No decorrer da segunda metade do século XX, diversas linhas de pesquisa e atuação desenvolveram-se em direções, muitas vezes, contrastantes. Tal é o caso das escolas de pensamento sistêmico sobre Filosofia do

processo, Teoria Geral dos Sistemas, Cibernética, Teoria da informação, Cibernética da Segunda Ordem, Teoria do Caos, Sistemas Adaptativos Complexos que têm orientado muito do pensamento complexo reflexivo, no campo da psicoterapia e das pesquisas sobre a conjugalidade como sistema interacional em andamento.

É importante notar que diferentes abordagens não revelam, dentro de uma epistemologia construtivista, o que o mundo é, mas que construções são possíveis nele. E, além disso, colocar em relevo um aspecto não significa rejeitar o outro, mas revelar a complexidade da interação em estudo. Assim, a abordagem centrada sobre o Construtivismo e Construcionismo Social em psicoterapia não nega a existência de padrões nas interações e que estes sigam padrões de evolução no tempo. Mas apenas não considera a importância deste aspecto, até agora, como relevante para a prática terapêutica, uma vez que o foco é a co-construção e a mudança.

Neste sentido, os estudos sobre preditores podem ser considerados como uma importante contribuição, à medida que mostram a existência de padrões de interação emocional e de construção de narrativas indicativos de um padrão de co-construção, que produz subjetividades em conflito e limitadas em sua experiência existencial. Revelam ainda que conjugalidades disfuncionais tornam-se produtoras de narrativas limitadas, com padrões interacionais emocionais empobrecidos e repetitivos, que tendem a um padrão de evolução no tempo.

A abordagem sistêmica revela, assim, uma complementaridade possível nestas visões que, como terapeutas, temos. Talvez caiba aqui, mais uma vez, a observação de Bateson (1972) sobre a visão binocular, na qual a sobreposição de dois pontos de vista revela uma informação a mais, ausente em apenas uma das descrições. O campo sistêmico mostra, desse modo, sua maior complexidade: a de revelar o imbricamento do conhecer nas operações complexas do conhecedor.

Porém, o desenvolvimento de um modelo terapêutico, ainda que permita teoricamente articulações entre conceitos e teorias, necessita de uma avaliação sobre sua eficácia e eficiência terapêutica. Apenas através de um estudo controlado, sob um método comparativo controlado, no qual aspectos quantitativos e qualitativos sejam considerados, é que será possível julgar a

adequação dessas proposições como uma orientação para intervir clinicamente na conjugalidade, transformando o julgo em jogo.

Assim, este trabalho, como uma espiral, volta sobre si-mesmo, convidando a compreender que a história continua e que “... *não cessaremos de explorar/ e o resultado de toda nossa exploração/ será chegar aonde começamos/ e conhecer o lugar pela primeira vez.*” (T. S. Eliot, *Four quartets*, 1943).